



Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Psicologia – IP
Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED
Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde PGPDS



**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO HUMANO, EDUCAÇÃO
E INCLUSÃO ESCOLAR – UAB/UnB**

**A CONTRIBUIÇÃO DO ORIENTADOR EDUCACIONAL NO
PROCESSO DE INCLUSÃO ESCOLAR EM UMA ESCOLA RURAL
DO DISTRITO FEDERAL**

MARCIA MEDEIROS DANTAS

ORIENTADORA: Carla Francini Terci Ferreira Nascimento

BRASÍLIA/2011

MARCIA MEDEIROS DANTAS

**A CONTRIBUIÇÃO DO ORIENTADOR EDUCACIONAL NO
PROCESSO DE INCLUSÃO ESCOLAR EM UMA ESCOLA RURAL
DO DISTRITO FEDERAL**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar, do Depto. de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano – PED/IP - UAB/UnB

Orientador(a): Carla Francini Terci Ferreira Nascimento

BRASÍLIA/2011

TERMO DE APROVAÇÃO

Marcia Medeiros Dantas

A CONTRIBUIÇÃO DO ORIENTADOR EDUCACIONAL NO PROCESSO DE INCLUSÃO ESCOLAR EM UMA ESCOLA RURAL DO DISTRITO FEDERAL

Monografia aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar – UAB/UnB. Apresentação ocorrida em 16/04/2011.

Aprovada pela banca formada pelos professores:

Carla Francini Hidalgo Terci Ferreira Nascimento

NOME DO ORIENTADOR (Orientador)

Prof.^a Dra. Mírian Barbosa Tavares Raposo

NOME DO EXAMINADOR

Marcia Medeiros Dantas

NOME DO ALUNO

BRASÍLIA/2011

DEDICATÓRIA

Ao meu eterno e amado companheiro Emídio, (in memoriam)

Você partiu antes que o momento tão esperado chegasse... Às vezes fico imaginando como seria vê-lo sentado ai assistindo a apresentação desta pesquisa, olhando para mim com olhos brilhando e o coração aflito. Como eu queria encontrá-lo, abraçá-lo. E senti-lo. Sinto saudades. Eu sei que de uma forma ou de outra você estará sempre comigo, sentirei sua presença, sua mão carinhosa afagando meus cabelos e sussurrando para não fraquejar. Neste instante abraçá-lo-ei em silêncio, sorrirei para você e deixarei envolver-me nesta emoção e, terei a certeza de que onde você estiver, estará repartindo comigo a alegria deste momento. Estou realizando um sonho nosso, lembro de sua cumplicidade desde a inscrição até a entrega da documentação para fazer parte deste curso. Estou conseguindo chegar ao fim porque tenho você dentro de mim. Você não está mais aqui, mas carrego comigo tudo de bom que você me ensinou e me deixou.

Para sempre vou te amar!

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus por me conceder o sopro da vida e por me carregar no colo nos momentos mais difíceis.

Aos meus pais que sempre me incentivaram e demonstraram um amor incondicional as suas filhas.

Aos meus 03 filhos, pelo apoio e compreensão nos muitos momentos que tive que me isolar e privar-me a companhia deles.

As minhas grandes amigas Isabel e Luana, pelo carinho e força nos momentos que pensei em desistir de tudo.

À Professora Carla Francini, minha eterna gratidão, pela força, animo e principalmente pelos ensinamentos que foram fundamentais para chegar até aqui.

Agradeço a todos da instituição educacional, onde foi realizada esta pesquisa.

“Há pessoas que transformam sol numa simples mancha amarela, mas há aquelas que fazem de uma simples mancha amarela o próprio sol”

Pablo Picasso

RESUMO

Tendo em vista a necessidade de se repensar a escola frente às demandas do mundo contemporâneo, esta pesquisa tem como objetivo, desenvolver uma reflexão crítica da realidade educacional e elucidar as possíveis contribuições do Serviço de Orientação Educacional no processo de inclusão e desenvolvimento integral do aluno. O tema “A Contribuição do Orientador Educacional no Processo de Inclusão Escolar em Uma Escola Rural do Distrito Federal”. Analisou-se o Serviço de Orientação Educacional com o objetivo de verificar se as ações auxiliam na inclusão de alunos, sejam eles deficientes ou não. Esta questão surgiu em função da pesquisadora atuar como orientadora educacional em uma instituição educacional localizada em uma zona rural do Distrito Federal, onde foi realizado o trabalho de pesquisa. Iniciou-se dissertando sobre inclusão remetendo aos fatores que levam a exclusão. Procurou-se apresentar um breve histórico da Orientação Educacional no Brasil e suas diversas concepções, demonstraram-se ações do Orientador Educacional através de dois projetos. Ressaltou-se a importância deste profissional como mediador e construtor do elo família e escola. Enfatizou-se a necessidade de um trabalho em equipe para uma educação de qualidade que atinja todos os alunos respeitando suas peculiaridades. Na metodologia a pesquisa realizada foi qualitativa onde se utilizou entrevistas e análise documental, que levantou dados para conclusão do trabalho e voltando à questão inicial, concluindo que a Orientação educacional contribui de forma eficaz no processo inclusivo escolar. Procurou-se conhecer as dificuldades das famílias da zona rural, em manter seus filhos matriculados e presentes durante o ano letivo, e assim, afastando-os do fracasso escolar e conseqüentemente a evasão.

Palavras Chaves: Inclusão, Família, Orientação Educacional.

Sumário

Apresentação	9
1 Fundamentação Teórica	11
1.1 Inclusão escolar	11
1.1.2 Desafios da inclusão	16
1.1.3 Relação família-escola	11
1.2 Orientação educacional: história e concepções	17
1.2.1 Orientação educacional: papéis e funções	20
1.3. Os projetos.....	24
1.3.1 Estudando com você.....	24
1.3.2 Hábitos de estudo	24
2 Objetivos	31
2.1 Objetivo Geral.....	31
2.2 Objetivos Específicos.....	31
3 Metodologia.....	32
3.1- Considerações Metodológicas	33
3.2 Contexto da Pesquisa	35
3.3 Participantes da Pesquisa	35
3.4 Estratégia de Coleta.....	35
3.5 Técnicas e instrumentos	36
4 Resultados e Discussões	37
4.1 Procedimentos	37
4.1.2 Análise dos alunos	38
4.1.3 Análise dos pais	40
4.1.4 Análise das professoras	41
5 - Considerações Finais.....	44
REFERÊNCIAS	45

Apresentação

A dinâmica de atuação do orientador educacional dentro do cotidiano escolar, visando auxílio, assistência e orientação ao aluno e sua família, sendo ele ou não portador de necessidades especiais, nos trazem inquietações que nos levam a refletir sobre as ações desenvolvidas por este profissional, servindo de subsídio para a realização dessa pesquisa. O presente trabalho trata da importância do profissional Orientador Educacional (OE) no processo da inclusão escolar de alunos de uma escola rural, de uma instituição pública do Distrito Federal.

O papel e o funcionamento da Orientação Educacional encontram-se em permanente processo de construção. Houve uma época que o OE atuava unicamente para atender individualmente os alunos considerados problemas, sempre de forma curativa, ou seja, esperava acontecer para intervir. Hoje se almeja uma Orientação Educacional que atue sempre atenta em colaborar com o desenvolvimento do educando e a não exclusão escolar. O trabalho da OE deve acontecer de forma integrada a todos os segmentos da escola numa perspectiva multidisciplinar, buscando uma melhor cooperação e, conseqüente, aprendizado.

Um segmento muito importante da Orientação Educacional é o atendimento às famílias, promovendo a ligação entre a escola, à família e comunidade. Para criação deste elo é necessário estabelecer um vínculo de comunicação constante com as famílias e a comunidade onde está inserida, nesta relação deve haver confiança, cooperação e compreensão de ambas as partes.

A agricultura é a principal fonte de renda das famílias dos alunos atendidos na escola, trabalham como lavradores, sendo comum laborarem sem carteira de trabalho assinada, ou seja, existe uma relação informal de trabalho com seus patrões, por isso, não existe garantia dos benefícios sociais. Vários fatores interferem na permanência dos alunos até o final de cada ano letivo, seus pais/responsáveis não costumam fixar residência por muitos meses, estão sempre

mudando de acordo com período de plantações e colheitas de verduras, frutas e legumes, esse fator interfere no rendimento acadêmico, ocorrendo evasão e repetência que contribui para exclusão escolar.

Durante o trabalho do Serviço de Orientação Educacional (SOE) com os pais e ou responsáveis e os alunos, constatou-se que grande parte das famílias priorizava a ajuda de seus filhos no plantio e na colheita, deixando suas obrigações acadêmicas em nível de segundo plano, não percebendo a importância dos estudos para um futuro melhor.

De acordo com o pensamento Mittler (2003), expressar o tema inclusão nos faz pensar sobre o significado da exclusão social, que percorreu por diferentes segmentos, porém, nos remete sempre as origens do problema: miséria, moradia inadequada, doença crônica e o desemprego. Ao longo dos séculos repete-se o mesmo fenômeno, crianças que nascem na pobreza não têm acesso às mesmas oportunidades que as outras crianças. Além da pobreza outros fatores influenciam na exclusão, como a religião, gênero, etnia e deficiência seja mental ou física.

Para compreendermos como se dá a contribuição do OE na inclusão dos alunos nesta escola, descrevo algumas ações pertinentes e desenvolvidas pelo SOE: observação da realidade do cotidiano escolar, visitas domiciliares, reuniões específicas com os pais de alunos que apresentam alguma dificuldade. Procurando contribuir para a diminuição da evasão escolar, o SOE desde 2008 procura criar espaços de convivência e aprendizagem como o Projeto Hábitos de Estudo e o projeto Estudando Com Você, que envolve os estudantes, a família, a escola e a sociedade. Nesse contexto, surgiram as questões: a atuação do orientador educacional pode contribuir para a integração entre família e escola? Essa integração pode favorecer o processo de inclusão, ou não exclusão escolar? Buscando respostas para essas questões, realizou-se a análise dos dois projetos desenvolvidos pelo Serviço de Orientação Educacional: Hábitos de Estudo e Estudando Com Você. Os projetos serão sintetizados no capítulo 1. Este estudo contribuiu de forma significativa, para que desse passos significativos quanto a atuação do OE.

1 - Fundamentação Teórica

1.1 Inclusão Escolar

No Brasil estamos avançando, porém, ainda se tem muito a contribuir para a construção de uma escola que não seja de direito inclusiva e, sim de fato. Neste processo de mudança é necessária uma sociedade que consiga enxergar o sujeito e não sua deficiência, transformações pequenas e grandes, nos ambientes físicos e internos e externos, em equipamentos, em mobiliários, nos meios de transporte, e sobre tudo um novo olhar do educador, para que a escola seja um espaço adequado, apropriado para a construção do conhecimento, oferecendo a todas as igualdades idênticas de oportunidades educacionais.

Sasaki (1999), afirma

O movimento de inclusão social teve início na segunda metade dos anos 80 nos países mais desenvolvidos, havendo mais estímulos na década de 90 em países desenvolvidos. Este movimento busca em seus objetivos construir uma celebração das diferenças, direito de pertencer, valorização da diversidade humana, solidariedade humanitária, igual importância das minorias, cidadania com qualidade de vida (p.17).

Atualmente o panorama da sociedade é de consciência acerca dos direitos humanos, admitir que o ser humano se desenvolve pelos princípios formativos que expressam o desenvolvimento do mais simples para o mais complexo chegando à autonomia, e os princípios organizacionais que mostram que o ser humano se desenvolve através da interação com o meio em que vive, no mundo natural, cultural, social, psicológico, educacional, na certeza de que: “felizmente temos mais consciência acerca de direitos humanos, embora a prática da proposta da educação inclusiva ainda não conte com o consenso e unanimidade, mesmo entre aqueles que defendem a idéia” (Carvalho, 2004, p.26).

A educação inclusiva é uma sucessão de estados e de mudanças que contribui para a construção de um novo tipo de sociedade, através de transformações nos ambientes físicos internos e externos, em equipamentos, em mobiliários, nos meios de transporte e, quanto aos profissionais da educação um novo olhar e agir diante das diferenças que compõe o cenário escolar. Espera-se que a escola seja um espaço adequado, apropriado para a construção do conhecimento, oferecendo a todos igualdades idênticas de oportunidades educacionais.

De acordo com Carvalho (2004 b), o conceito de escolas inclusivas presume a forma de entender as respostas educativas que são oferecidas, baseado na defesa dos direitos humanos de acesso, ingresso e permanência com sucesso em escolas de boa qualidade, implicando mudança de atitudes frente às diferenças individuais com o desenvolvimento da consciência de que todos são diferentes, inclusive nós mesmos, porque podemos evoluir e modificarmo-nos.

A escola inclusiva deveria acolher a todos, rever sua prática pedagógica respeitando as diferenças e despertando o interesse em aprender. O sistema educacional deve reconhecer e atender sem distinção as necessidades do educando. A inclusão escolar transforma um sujeito em cidadão garantindo-lhe o direito de ser atuante e produtivo na sociedade.

A seguir está demonstrado um rol de leis e documentos importantes no processo da inclusão de pessoas com deficiências, porém, as mesmas não são garantia de que acontecerá de fato o processo inclusivo, é necessário um novo olhar aos sujeitos que se desenvolvem de forma atípica.

- ✓ Declaração de Salamanca, 1994;
- ✓ Lei n.9394/96 - Diretrizes e Bases da Educação Nacional;
- ✓ Plano Nacional de Educação, aprovado pela Lei n. 10 172/01
- ✓ Resolução CNE/CEB n. 2001, diretrizes de educação especial na educação básica;
- ✓ Plano de desenvolvimento da Educação – PDE, 2007

- ✓ Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva (2008).

Fonte: Portal do MEC

No texto de Coelho (2010 a), a autora apresenta um resumo das considerações (Ipud Martinez 2006), quanto à importância da organização na elaboração do trabalho pedagógico na escola inclusiva, que deve favorecer a criação de espaços comunicativo-relacionais; estimular o desenvolvimento da condição de sujeito negada pelas posições assistencialistas e paternalistas dominantes; conferir novo caráter aos processos diagnósticos e de avaliação educacional, considerando seu caráter qualitativo, construtivo, processual, interativo e singular.

Coelho (2010 b) sugere três ações norteadoras: orientar para o enfrentamento de situações conflituosas; orientar para aspectos mais gerais que podem se constituir em estratégias do trabalho educacional em contextos inclusivos; e, em terceiro, procura indicar aspectos pertinentes para compreensão da complexidade do contexto educacional inclusivo. Essas ações permitem uma visão esclarecedora da importância do Orientador Educacional na escola inclusiva, sendo este o profissional capacitado a orientar, buscar sugestões, fornecer suporte aos professores e, ainda, mediar situações de conflitos que dificultam o processo inclusivo no contexto educacional.

Quando Coelho (2010 c) questiona “O que a escola inclusiva deveria estar garantindo aos seus usuários?”. A autora elucida que todos precisam estar parceiros nas mudanças que os atingem, como pais, professores, funcionários e estudantes. Ressalta a importância de um profissional que atue como mediador de conflitos e, sendo garantido a todos o direito a voz. Portanto, essas ações são pertinentes, na atuação do orientador educacional nesse processo. Em destaque, estão: identificar e localizar crianças que tem qualquer tipo de deficiência; avaliar suas necessidades educacionais e determinar quais os programas que podem ser de ajuda; ter atenção aos aspectos preconceituosos dos usos lingüísticos cotidianos, bem como às características histórico-culturais da população a ser atendida; proteger os direitos

da criança deficiente e de seus pais; desenvolver junto com os docentes, processos de ensino-aprendizagem e de avaliação mais individualizados, planejamentos que possam ser (re) construídos em um trabalho conjunto entre professor regente, professor de apoio, profissionais da equipe psicopedagógica e dos pais.

Quanto à avaliação na escola inclusiva, Coelho (2010 d), ressalta os indicadores que devemos considerar na avaliação de contextos educacionais inclusivos, sinalizando a importância de observar a relação aluno, professor e comunidade:

- ✓ Em relação à criança: a personalização do ambiente, a recuperação de aprendizagens prévia e mudança de comportamentos.
- ✓ Em relação ao professor: se há consciência em relação ao problema, a habilidade para resolvê-lo e se há domínio de conteúdos importantes;
- ✓ Em relação à coletividade: o aumento da consciência das diferenças individuais, a ocorrência de atividades de cooperatividade e integração e as diferentes formas de interatividades no grupo.

A inclusão escolar nos permite conviver, interagir e compartilhar com pessoas que por diversos motivos são diferentes do que vimos diante de um espelho. Essa experiência nos ensina a respeitar o outro. A educação inclusiva não discrimina e é para todos, atende todas as pessoas. Segundo Sasaki (1999), os benefícios da educação inclusiva refletem durante toda a vida do educando, proporcionando um desenvolvimento em escala crescente, resultando na compreensão da diversidade individual e de outras pessoas. Na vida adulta apresentam-se mais preparados para conviver em uma sociedade diversificada.

A prática da escola inclusiva deve estar voltada para o desenvolvimento dos alunos, não selecionando melhores ou piores, numa sociedade marcada por enormes desigualdades sócio-econômicas e culturais.

A escola assume vários papéis na formação das pessoas, dentre eles o de desenvolver pessoas capazes de se apropriarem do saber, sendo um espaço que pode possibilitar integração entre diferentes identidades que convivem no ambiente

escolar, como pais, alunos, professores e toda comunidade. De acordo com Carvalho (2004, p.109), “a função da escola inclusiva, enquanto espaço físico, enquanto cenário, seria o de introduzir, nela alunos que antes estavam excluídos do seu interior”.

1.1.2 Desafios da inclusão

Espera-se que o contexto da escola inclusiva seja privilegiado, transformando de forma positiva todos os alunos. Proporcionando a construção de novos conhecimentos que resultarão a todos envolvidos autonomia para resolver os difíceis problemas que surgirem. Essa escola precisa ultrapassar vários obstáculos, como: capacitação dos educadores, maior conhecimento da fundamentação teórica, rever o currículo, verba entre outros.

Numa escola inclusiva, todos os agentes escolares devem exercitar o diálogo, adotando uma ação articulada para que às interações sociais sejam variadas dentro de um contexto sócio-cultural rico e natural para aprendizagem de todos os envolvidos, assim percebe-se a importância do orientador educacional como articulador entre todos os setores da comunidade escolar.

E necessário que a escola elabore estratégias eficazes para estreitar o envolvimento com pais e ou responsáveis, informando e sensibilizando quanto à importância de se fazer presente e participativo no processo ensino aprendizagem de seus filhos.

1.1.3 Famílias

Não podemos considerar mais a família da forma que encontramos ilustradas nos livros didáticos das escolas, composta pela figura masculina sendo o genitor, a figura feminina a genitora e seus dois ou três filhos. Assim como a sociedade a família vem sofrendo transformações, hoje nos deparamos com outras estruturas de famílias como a monoparental onde os filhos contam somente com a presença de um dos parentais. Na família extensiva moram juntos pais, tios, primos e avós que são as figuras que acompanham as crianças em consultas médicas ou comparecem as reuniões escolares, enquanto os pais estão trabalhando.

É na família que deveríamos começar a desenvolver nossas habilidades sociais, que irão repercutir por toda a vida, já na escola teremos um atendimento às necessidades cognitivas, psicológicas, sociais e culturais de uma forma mais estruturada pedagogicamente, porém, mesmo a escola sendo responsável pela construção, elaboração e difusão do conhecimento ela vem passando por crises vindas do dia a dia, como: a violência, a exclusão, a evasão e a falta de apoio das famílias e da comunidade.

Para que esse quadro se reverta é fundamental que sejam implementadas políticas que assegurem a aproximação entre esses dois contextos, de maneira a reconhecer suas particularidades, principalmente no que diz respeito ao desenvolvimento e a aprendizagem. Isso cabe a todos envolvidos neste cenário: o aluno, o professor, a escola e família.

De acordo com Giacaglia e Penteado (2008, p.48) “cada família alimenta expectativas diferentes em relação à escola. O mesmo ocorre com a escola em relação à família.”. Há a necessidade de uma relação de confiança e mútuo conhecimento entre as partes, para a troca de informações e com isso mantermos uma comunicação permanente entre o SOE (Serviço de Orientação Educacional) e a família.

As escolas devem estar atentas a realidade de sua clientela, considerar os conhecimentos que os educandos trazem de seus lares, podendo ser empregados como mediadores na construção dos conhecimentos científicos a serem trabalhados na escola. *“Ensinar é propiciar situação que permitam ao educando modificar o seu comportamento de determinado modo”* (SEAGOE, 1978, p. 07).

No artigo, A Família e a Escola Como Contextos de Desenvolvimento Humano, as autoras Desseu e Polônia (2007), relatam a importância da escola e da família na formação plena do ser humano. Enfatizam que essas duas instituições podem ser positivas ou negativas na formação social, afetiva, cognitiva de cada ser. As famílias e sua formação estão em constantes mudanças, hoje têm famílias de pais separados que convivem com filhos, enteados e meio irmãos. Toda essa mudança reflete nas relações dos membros dessas instituições.

Este pensamento reforça a importância de uma relação contínua e de confiança entre esses dois contextos: escola e família, visando à cumplicidade com o objetivo de contribuir de forma positiva na formação plena do educando

1.2 – ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL: HISTÓRIA E CONCEPÇÕES

A Orientação Educacional inicia o seu papel como Orientação Vocacional em 1908, nos Estados Unidos tendo como função o aconselhamento. A propagação da Orientação Vocacional tem sua prática desenvolvida em todo o mundo, em defesa dos movimentos que visavam à revolução industrial e as novas tendências pedagógicas eminentes, (GRINSPUN, 2006 a).

Na instituição educacional, em 1912, na cidade de Detroit, através de Jesse David que a orientação Educacional passa a ser inserida no contexto escolar, porém, com a função de auxiliar na problemática da escolha profissional dos educandos de sua escola, (GRINSPUN, 2006 b).

A Orientação Educacional no Brasil, segundo Grinspun (2002), iniciou em 1924, no Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo, também com a função de Orientação Vocacional, seu principal foco era de aconselhamento que acontecia de forma isolada sem permear com os demais seguimentos da escola. Sua característica na época era assistencialista e ia de encontro à formação moral e religiosa do aluno. O desenvolvimento industrial do país, influência na atuação da orientação educacional que passa a ter um sentido de seleção, atendendo a demanda e a esperança da nova forma de trabalho.

De acordo com a autora podemos classificar a atuação da orientação educacional no Brasil de acordo com os seguintes períodos:

- ✓ Período Implementador 1920 a 1941 – Consolidação do serviço de orientação educacional no Brasil.
- ✓ Período Institucional 1942 a 1960 – caracterizado pela exigência legal da orientação nos estabelecimentos de ensino e nos cursos de formação de orientadores educacionais.
- ✓ Período Transformador 1961 a 1970 – a lei nº 4.024/61 determinou as Diretrizes e Bases da Educação (LDB), em que a orientação educacional é caracterizada como ação educativa, ressaltando a formação do orientador.
- ✓ Período Disciplinador 1971 a 1980 – a orientação educacional tornou-se obrigatória nas escolas, incluindo o aconselhamento educacional.
- ✓ Período Questionador 1980 a 1990 – o orientador educacional discutia suas práticas, seus valores, a questão do aluno a trabalhador a, enfim, a sua realidade no meio social; prática da orientação voltou-se para a concepção de educação como um ato político e não uma ação neutra.
- ✓ Período Orientador – a partir de 1990, esse período foi assim denominado pelo fato de os/as orientadores/as educacionais acreditarem na possibilidade de os serviços de orientação educacional atuar na formação do educando crítico e participativo.

De acordo com Santis (2006), desde a implantação do ensino público no Distrito Federal o orientador educacional esteve inerente no quadro dos profissionais

que compõe a escola, porém, sua atuação sofreu alterações de acordo com a visão das diferentes concepções que percorreu a educação nessas décadas. Muitas das nossas escolas não contavam com esse profissional devido ao número reduzido de recursos humanos.

Na última década do século passado, o Distrito Federal adotou a proposta política pedagógica: “Escola Candanga: uma lição de cidadania”, de acordo com Santis (2006b) a orientação educacional integrava-se a escola na perspectiva de libertar, para a promoção dos alunos, respeitando a individualidade de cada um na pluralidade do coletivo, privilegiando o seu desenvolvimento enquanto ser individual e coletivo, uma prática aberta e dinâmica, abrangente e contínua como a vida e como a realidade histórico-social.

A construção de uma educação de qualidade e para todos no Brasil, pressupõe a definição de estratégias políticas que contemplem não somente o setor da educação, mas é fundamental a transformação da realidade social, sendo, necessário ir além da transmissão de conhecimento.

Somando-se a essa necessidade o Orientador Educacional passa, portanto, a contribuir na mediação de inúmeros e difíceis conflitos, que nos deparamos na escola, como violência familiar, abusos físicos e sexuais contra as crianças, situações de risco de algumas famílias, desemprego e alcoolismo de um ou mais responsáveis pelo aluno que podem gerar na exclusão.

De acordo com Millet (2006), o serviço de orientação educacional deve ultrapassar os muros da escola, realizando visitas domiciliares, porém, com o cuidado de não ser visto como um intruso, e sim como alguém que está ali para conhecer o cotidiano e a realidade em que ele está inserido, facilitando na identificação, na prevenção e na superação de conflitos, colaborando para o desenvolvimento do aluno, tendo como pressupostos o respeito à pluralidade, à liberdade de expressão, à orientação, à opinião, à democracia da participação e à valorização do aluno como ser integral.

Para Libâneo (2002)

Educação é o conjunto de ações, processos, Influências, estruturas que intervêm no desenvolvimento humano de indivíduos e grupo, relação ativa com o e ambiente natural e social, num determinado contexto de relações entre grupos e classes sociais (p. 22).

Segundo esse pensamento, é importante se fazer uma análise do contexto familiar, voltando-se para o que pensam os pais e ou responsáveis, sobre o seu papel no processo de escolarização dos seus filhos, pois não há como articular família-escola sem entender o que eles pensam e esperam e sem tentar sensibilizá-los da sua importância no aprendizado dos seus filhos.

1.2.1 Orientação escolar: papéis e funções

Durante séculos perpetuou-se o lema de que o aluno não aprendia porque o problema estava nele, sendo o causador de seu próprio fracasso. Não se questionava a metodologia aplicada, o meio social de seu convívio, relações familiares e nem tão pouco o sistema educacional da época.

Na década de setenta do século passado, os sociólogos comprovaram que o fracasso escolar tem seu maior índice nas camadas mais carentes (baixa renda) da sociedade, compreendendo, então, que o fracasso escolar está relacionado ao meio em que o aluno se desenvolve e a família em que ele está inserido pode ser o responsável pelo seu fracasso escolar (SILVA e DAVIS, 1993 e NÓVOA, 1995). Esse estudo despertou diversas discussões sobre o assunto e despertou uma nova visão: o aluno e sua família não são mais os únicos responsáveis; passa-se, então, a questionar o sistema educacional vigente da época.

O Orientador Educacional deve estar sempre atento a identificar as diferenças individuais de cada aluno, esse procedimento acontece através de observações no

recreio ou em sala da aula. Faz-se necessário um trabalho de integração entre esse profissional, o professor e a família dos educandos, sempre visando assistir todos os alunos. De acordo com (Grinspun, 2002, p.79) esse profissional procura *“identificar essas diferenças através dos instrumentos de mensuração, como teste, escalas, provas e questionários”*.

De encontro ao que Grinspun (1999) ressalta, o trabalho do Orientador Educacional não deve funcionar apenas a aplicação de técnicas para o diagnóstico dos alunos com dificuldades de aprendizagem, e sim viabilizar ações que possam contribuir na minimização do fracasso escolar. O Serviço de Orientação Educacional, da escola pesquisada, vem desenvolvendo diversos temas e, destacamos o que se refere à execução das atividades escolares, criação do hábito de estudos, higiene. Quanto aos pais, conscientizá-los de que mesmo que não saibam ler e escrever, a simples atitude de perguntar como foi à aula de seu filho demonstrar interesse pela vida escolar, e isso poderá acarretar em um maior compromisso com o saber por parte do educando.

Grinspun (2002) enfatiza,

O Orientador é aquele que discute as questões da cultura escolar promovendo meios/estratégias para que sua realidade não se cristalize em verdades intransponíveis, mas se articule com prováveis verdades vividas no dia-a-dia da organização escolar (p. 112).

As escolas que não refletem na importância de um redirecionamento e um novo olhar, de como e a quem ensinar, persistindo em focar o professor como único responsável no processo de aprendizagem e, acaba por contribuir na exclusão/separação do aluno.

Até a década de 70 do século passado, o sistema educacional atribuía a não aprendizagem diretamente ao aluno. Somente ele era o responsável pelo seu fracasso. Não eram considerados fatores relevantes no processo ensino-aprendizagem como os conteúdos, a metodologia e a prática pedagógica, enfim, a escola e o próprio sistema educacional. (SILVA e DAVIS, 1993 e NÓVOA 1995)

Porém estudos sociológicos, do final dos anos 60 no século XX, demonstraram que o fracasso escolar incide mais nas camadas de baixa renda. Os estudos sobre o fracasso escolar agora consideram a condição social em que o aluno e sua família se encontram: "*destacava-se o fato de que a escola brasileira não dava a devida atenção às diferenças individuais e sócio-culturais, o que acabava por contribuir para a reprodução das desigualdades sociais já existentes*" (Oliveira, 2004, p.10).

Espera-se na prática, que o orientador educacional, realize um trabalho de conscientização e sensibilização, com corpo docente, levando-os a considerar que independente da classe social, na qual o aluno esteja inserido, todo tem os mesmos direitos e deveres.

A escola quando não respeita a cultura do aluno, impondo a cultura dominante, o educando não se reconhece no contexto da escola, acaba por fracassar. Ao tratar com indiferença as diferenças culturais é que a escola produz o fracasso escolar. Esse fenômeno reforça e alimenta o ciclo que envolve a pobreza, o desemprego e a exclusão social. Muitos alunos se sentem fracassados quando não são promovidos de série, porém o que não se percebe é que o fracasso escolar acontece de forma processual, ao longo do ano. A concretização do desenvolvimento das capacidades do educando devem ser trabalhadas ao longo de sua escolaridade.

Grinspun (2006, p 86) ressalta:

Cabe aos orientadores criar, descobrir e propor novas formas viáveis e efetivas, de eliminação do fracasso escolar, tanto no nível de variáveis intra-escolares, que às vezes o mantêm, como no de variáveis extraclases, que não encontraram meios de suprimi-lo.

Quanto aos fatores que podem determinar o fracasso escolar, para Thomaz (2000, p. 86), "*há sempre um bode expiatório para o problema do fracasso escolar: a família, o professor da série anterior, o governo, a miséria, o desemprego, a fome, a desnutrição, os problemas de saúde, a promoção automática*".

Considera-se, atualmente que existem inúmeros fatores que podem influenciar na aprendizagem e levar os alunos das séries iniciais do ensino fundamental ao fracasso escolar:

- a)** de ordem psicológica relativos aos aspectos cognitivos e de saúde do aluno;
- b)** de ordem sócio-econômica e culturais como as relações familiares, a fome, a desnutrição, as diferenças culturais, a linguagem etc.;
- c)** os fatores organizacionais da escola e, de modo geral, das políticas sociais e educacionais.

Segundo Aquino (1997), alguns pesquisadores assinalam as dificuldades de aprendizagens sendo de origem psicológica, onde o estado emocional interfere no aprender, porém, existe outro fator de supra importância do fracasso escolar que é a discriminação, que dogmatiza o aluno antes mesmo dele começar sua trajetória acadêmica. Muitas vezes a própria família ou os professores rotulam a criança como retardado ou sem capacidade para aprender a ler e escrever ou dar seguimento aos estudos.

Fontes (2004) afirma:

Certos professores no início do ano criam expectativas positivas ou negativas sobre os alunos que acabam por influenciar o seu desempenho escolar. Sem que se percebam os professores adotam preconceitos, podendo afetar o rendimento do aluno, o qual ele julga sem competência para aquisição de conhecimento. Geralmente percebe-se o fracasso no final do ano escolar, no qual se faz a análise dos que foram promovidos, os evadidos e os que foram reprovados. Esta análise deveria ser processual, proporcionando assim, recuperar o aluno que apresenta menor desempenho escolar. Nessa perspectiva a avaliação formativa é essencial para o acompanhamento do desenvolvimento dos processos educativos. (Fontes, 2004).

É importante frisar que o fracasso escolar é causado por diversos fatores, que podem ocorrer isoladamente ou simultaneamente, cabe a nos educadores não deixar reconhecer de que podemos ter ações no cotidiano escolar que poderão

contribuir no sucesso da aprendizagem do aluno. É preciso estar atento aquele aluno considerado indisciplinado ou desinteressado. Muitas das vezes os professores mencionam que esse aluno apresenta tal comportamento por não existir um comprometimento das famílias em acompanhar sua vida acadêmica, porém, devemos considerar que muitas vezes, a criança apresenta um comportamento indisciplinar tentando expressar as suas frustrações escolares, deixando sinais de que necessitam de um auxílio, sendo então prudente o docente solicitar intervenção e acompanhamento do orientador educacional para um trabalho junto a esse educando e quando necessário concomitantemente com seus familiares.

Arroyo (1997a) destaca:

os alunos chegam à escola defasados, com baixo capital cultural, sem habilidades mínimas, sem interesse, ou seja, chegam à escola reprováveis. No entanto, os professores não demonstram compreensão de que tais atitudes dos alunos podem expressar rejeição aos conteúdos, às atividades, ou às normas da escola desconexas com a realidade dos mesmos (p.18).

Na visão de Arroyo (1997b), é de supra importância que a escola acolha aqueles alunos que não se sentem inseridos no contexto escolar, e conseqüentemente pode levá-los a não aprendizagem. Cabe aos educadores proporcionar ações que possam favorecer a sua inclusão e como resultado a sua aprendizagem.

1.3 OS PROJETOS

Todas as sextas-feiras, no turno matutino, nós, orientadores educacionais da Secretaria de Educação do Distrito Federal, participamos da coordenação pedagógica da Diretoria Regional de Ensino em que estamos lotadas, sob supervisão do Núcleo de monitoramento Pedagógico. Este momento é destinado para discutirmos nossas ações, dividimos nossas aflições e compartilhamos nossas experiências. Foi durante esta reunião que surgiu a idéia, em parceria com a

Orientadora Educacional Luana Emanuele Silva elaborar um projeto que pudesse contribuir no processo de inclusão dos alunos das escolas rurais em que laborávamos, pois, nossas clientelas apresentavam dificuldades para permanecer na escola, devido a constantes mudanças de locais de moradia devido ao trabalho de seus pais. Desenvolvemos então, os projetos hábitos de estudos e estudando com você. Estes dois projetos foram aplicados em consonância no ano de 2010, com o objetivo de contribuir na diminuição da evasão escolar e, levando possivelmente a uma situação de inclusão. Estes projetos foram os instrumentos de análise desta pesquisa, que pretende verificar se as ações do SOE favoreceram a inclusão. Os projetos em questão ainda não foram publicados, mas, através de solicitação do corpo docente passará a parte do projeto político pedagógico da instituição pesquisada.

A seguir apresento um resumo do trabalho que realizei como Orientadora Educacional na escola que foi o campo desta pesquisa. Ao iniciar a elaboração do projeto Hábitos de Estudos, pude perceber a necessidade de sensibilizar e integrar as famílias dos alunos que participariam dessa ação. Foi elaborada uma pesquisa de opinião para saber qual seria o melhor horário e dia do encontro entre o OE e os pais/responsáveis. A maioria das respostas solicitava que o encontro acontecesse aos sábados no período matutino, tal solicitação foi atendida.

1.3.1 Estudando com você

Envolveu o Serviço de Orientação Educacional, um grupo de pais/responsáveis dos alunos da 4ª série, um Palestrante, psicólogo, servidor do Ministério Público, colaboração da professora regente e da professora da sala de recursos. Realizamos 04 encontros ao decorrer do ano de 2010. Com objetivo de conhecer as famílias, um pouco de sua realidade, busquei estabelecer uma relação de confiança entre esses os contextos escola e família. Discutimos a importância das famílias no acompanhamento da vida acadêmica de seus filhos; ressaltando

que é primordial a frequência dos estudantes para o processo educacional, com a intenção de diminuir a evasão e conseqüente exclusão escolar desses educandos.

1º Encontro: Aconteceu no dia 15 de maio, as 9 h compareceram 18 (dezoito) pais/responsáveis, iniciamos o trabalho com a dinâmica eu e minha família. Nessa atividade os participantes apresentaram-se ao grupo e dissertaram sobre seu convívio familiar, seus sonhos e suas expectativas em relação à escola. Num segundo momento a aproveitei para explicar as expectativas da escola em relação à participação dos pais e ou responsáveis no cotidiano escolar dos educandos e, informei sobre o projeto Hábitos de Estudos que seria realizado junto aos alunos. Enfatizei que esse trabalho dependia da participação da família, atuando de forma direta junto aos seus filhos nas suas residências. Foi apresentado o vídeo “Vida Maria”, que emocionou grande parte dos pais que estavam presentes e, foi realizada uma reflexão sobre a curta apresentada, onde alguns se pronunciaram dizendo da preocupação de como ajudar se alguns só estudaram até a 2ª e 3ª série. Neste momento dissertamos explicando que os responsáveis podem sim contribuir com seus filhos, e sugerimos algumas ações, como: organizar juntamente com seus filhos o material escolar sempre com a preocupação pelo zelo e se não falta colocar algum material que será necessário a próxima aula, perguntar sempre o que aconteceu naquele dia, o que ele aprendeu ou se teve alguma dificuldade, como foi seu comportamento durante as aulas. Foi distribuído um questionário, onde não precisariam se identificar, abordando como estava sendo o seu acompanhamento na vida escolar de seus filhos e, se estariam dispostos a participarem a mais 03 encontros nos próximos bimestres. Na finalização do encontro, realizamos avaliação do trabalho e a pedido dos pais nos propusemos a trazer um psicólogo para ministrar uma palestra.

2º Encontro: No dia 02 de julho do ano de 2010, estiveram presente 24 pais e ou responsáveis. Conforme solicitação, este encontro foi conduzido pelo palestrante, Dr. Wanderlei, servidor do Ministério Público, vale mencionar que há algum tempo este profissional tem atuado em parceria com o núcleo de orientação educacional. Com metodologia de quem está em conversa informal, discorreu sobre matrimônio, medo, cansaço e estresses. Alertou sobre a necessidade de a família desenvolver

estratégias que fortaleçam o elo entre as famílias e a escola, os alerta a estarem sempre atentos ao comportamento dos seus filhos e da importância de acompanharem a vida escolar de seus pupilos. Nesse encontro o psicólogo enfatizou a necessidade de realizar diariamente a nossa higiene mental, cativar bons sentimentos e sempre pensamento positivo acreditando na força interior que cada um de nós. Finalizou enfatizando que se deve acreditar sempre no potencial de seus filhos.

3º Encontro: Realizado no dia 08 de outubro, participaram 22 (vinte e dois) pais. Iniciou-se a reunião fazendo uma avaliação do encontro passado, que na opinião dos participantes foi um momento de reflexão e de se voltar a ter esperança no futuro. O grupo assistiu ao filme Mão Talentosas e após sua exibição foi aberto uma discussão sobre atitudes que os pais podem ter para incentivar seus filhos a continuarem a estudar.

4º Encontro: Realizado no dia dezessete de dezembro. Nesse dia estavam presentes os pais e os alunos, propositalmente acontecia a 4ª quarta reunião de pais, e o evento foi conduzido de forma inovadora, a professora não tinha a incumbência de falar dos estudantes, a dinâmica aplicada foi a seguinte: cada aluno fez sua auto avaliação, voltado para suas atitudes com relação aos seus estudos na forma de dialogo com seus pais.

Durante a execução deste projeto, identifiquei, através das falas dos participantes, que os pais/responsáveis precisavam de orientação de como agir e quais as atitudes que os mesmos, poderiam passar a ter para auxiliar e participar da vida escolar de seus filhos. Outro aspecto observado foi que os participantes não tinham esclarecimento de quanto é prejudicial, no processo ensino aprendizagem de seus filhos, as freqüentes mudanças de escola durante o ano letivo. Pode-se perceber também a falta de credibilidade que alguns pais demonstraram, referente ao potencial de seus filhos, considerando incapazes de chegar ao ensino superior.

1.3.2 Hábitos de estudo

Hábito de Estudo foi executado no ano de 2010 por nós e contamos com a participação de todos os alunos da 4ª série, com a. Aconteceram 10 encontros no total, sendo 09 (nove) somente com a participação da OE e os alunos e no 10º e último encontro contou com a participação dos pais e das professoras regentes. O interesse em desenvolver este projeto, foi por ter observado no ano anterior o desinteresse dos alunos em permanecerem estudando, através dos relatos dos professores nas reuniões que aconteciam nas coordenações. O objetivo deste projeto foi despertar o interesse dos alunos na continuação de seus estudos, orientá-los como planejar suas atividades, sempre os levando a refletir sobre a importância e como e porque estudar. Buscou-se desmistificar que o hábito de estudo é algo enfadonho e, sim pelo contrario é algo prazeroso e que poderá melhorar seu desempenho e afastá-lo do fracasso escolar que poderá ter como consequência a exclusão.

A pesquisadora visitou as turmas da quartas séries e, todos os alunos se dispuseram a participar do projeto Hábito de Estudos. As professoras adequaram um horário em seus planejamentos, os encontros aconteceram quinzenalmente.

1º Encontro: Neste primeiro momento a pesquisadora iniciou um dialogo utilizando a atividade “Quem Sou Eu?”, os alunos expressaram suas angústias pessoais e acadêmicas. Após a dinâmica, o enfoque foi sobre a importância de se adquirir o hábito em estudar, a pesquisadora explanou uma prévia do trabalho que seria realizado. Para finalizar foi entregue um o texto para reflexão “Não Consigo”

2º Encontro: Reflexão do texto entregue no encontro anterior, posteriormente realizamos a dinâmica do “Enterro do Não Consigo”, explicação sobre amor próprio através de slides. A pesquisadora terminou o encontro com exibição do vídeo dos Três Leões.

3º Encontro: Foi desenvolvida a dinâmica “Poço dos Desejos” onde todos expuseram suas expectativas para um futuro melhor. Abrimos uma discussão onde o tema era a importância dos estudos em nossas vidas.

4º Encontro: Apresentou-se o clipe da musica “Pensamento”, entregamos copias da letra (e refletimos sobre sua mensagem questionando a relação entre a música e a vida de estudante. Entregamos a ilustração de um livro aberto (em anexo) e pedimos para os alunos completassem a frase “Eu estudo porque...”. para finalizar montamos um mural com as respostas.

5º Encontro: Foi realizada a atividade “O relógio do meu dia”, com a finalidade de auxiliar os alunos a identificarem e organizarem o seu tempo livre, orientando-os com perguntas, como: *a que horas acorda, qual o horário de ir pra escola, por quanto tempo assiste TV, a que horas brinca com os amigos e vizinhos, qual o horário de ir para cama... Etc.*

6º e 7º encontro: Apresentamos os slides “10 lições para os estudos” e abrimos uma plenária para as colocações dos alunos. Apresentamos os slides sobre como estudar cada disciplina e dialogamos com os alunos acerca da importância de cada uma, não só na escola, como para a vida inteira

8º Encontro: Entregou-se as ilustrações sobre hábitos de estudos em casa e na escola para os alunos colorirem e, colarem no roteiro de hábitos de estudo que entregamos a cada participante.

9º Encontro: Encerramento do projeto com a Sessão Pipoca – apreciação do filme “Mãos Talentosas”; Desenvolver a Dinâmica das Mãos (em anexo), onde aborda a meta que desejo e como alcançá-la; avaliação, com os alunos, das atividades desenvolvidas e seu reflexo em suas vidas;

10º Encontro: Nesta reunião estavam presentes pais/responsáveis e, os alunos que falaram para seus pais sobre seu desempenho e realizou-se uma avaliação geral dos projetos executados.

No decorrer deste projeto, percebemos que os mesmos começaram a despertar e refletir sobre a importância de acreditarem em seus potenciais, de reservarem um momento, em suas casas para seus estudos. Aos poucos se pode perceber um maior interesse dos participantes em continuar a estudar.

2 - OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Analisar de que forma as ações desenvolvidas pelo Serviço de Orientação Educacional no ano de 2010, através dos projetos Hábitos de Estudo e Estudando com Você, impactaram as opiniões de pais e alunos de uma escola rural da SEE-DF.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- ✓ Verificar a opinião dos pais quanto à importância do acompanhamento da família na vida escolar de seus filhos;
- ✓ Verificar a opinião dos alunos se sua participação nos projetos do SOE despertou o interesse em continuar seus estudos,
- ✓ Verificar a opinião dos professores quanto à atuação do SOE no processo de inclusão;

3 – Metodologia

3.1 CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS

Este estudo tem como fundamento uma pesquisa qualitativa, que é aquela que segundo Oliveira (2002) “não emprega dados estatísticos como centro do processo de análise de um problema” (p. 116). Ainda com base no mesmo autor,

As pesquisas que se utilizam da abordagem qualitativa possuem a facilidade de poder descrever a complexidade de uma determinada hipótese ou problema, analisar a interação de certas variáveis, compreender e classificar processos dinâmicos, experimentados por grupos sociais, apresentar contribuições no processo de mudança, criação ou formação de opiniões de determinado grupo e permitir, em grau de profundidade, a interpretação das particularidades dos comportamentos ou atitudes dos indivíduos (p. 117).

A abordagem qualitativa é importante nesta pesquisa, porque, a realidade que envolve o aluno e sua família no processo de desenvolvimento e inclusão escolar, deve ser observado levando em considerado o meio em que vivem, seus valores e suas crenças e compreender a expectativa de cada família em relação à escola.

MINAYO & SANCHES (1993) a define como aquela capaz de aprofundar a complexidade de fenômenos fatos e processos particulares e específicos de grupos mais ou menos delimitados em extensão capazes de serem abrangidos intensamente.

Compreendendo a Pesquisa Qualitativa como sendo aquela capaz de "incorporar a questão do Significado e da Intencionalidade como inerente aos atos, às relações e às estruturas sociais, sendo essas últimas tomadas tanto no seu advento, quanto na sua transformação, como construções humanas significativas" (MINAYO, 1992, p.10).

Conhecer melhor esse assunto, por meio de pesquisa de campo, foi muito enriquecedor, devido ao fato de ter a oportunidade de estar mais próxima do objeto de estudo, que foram os alunos e suas famílias.

Concordamos com MINAYO (1992), que a compreensão do indivíduo como representativo tem que ser completada pelas variáveis próprias, tanto da especificidade histórica como dos determinantes das relações sociais e também, dentro do próprio grupo ou comunidade alvo da pesquisa, com uma diversificação que contemple as hipóteses, pressupostos e variáveis para compreensão do objeto.

3.2 CONTEXTO DA PESQUISA

O local desta pesquisa foi uma escola pública que tem sua localização física na área rural de Brasília/DF. A equipe de profissionais é composta: Diretora, Vice-Diretora, Secretária Escolar, secretária, assistente de secretaria, supervisor pedagógico, orientadora educacional, 08 professores, sendo 04 efetivos e 04 contratados temporariamente para suprir carências por motivo de saúde, licença, prêmio, licença maternidade entre outros. Os quatro professores definitivos com especialização na área de educação, 08 agentes de gestão educacional, 03 auxiliares de manutenção terceirizados.

A escola funciona em 02 turnos divididos em: manhã (quatro turmas), tarde (quatro turmas). No ano de 2010 de acordo com dados da secretaria da escola, iniciou-se o ano letivo com 195 alunos matriculados, sendo que 06 (seis) foram transferidos, 0 (zero) abandono. A maioria da clientela é de baixa renda, não tem uma assistência da família com relação ao rendimento escolar.

Instalada em prédio próprio com grande área verde física, porém, a área construída é insuficiente para a demanda da comunidade, o espaço disponibiliza apenas de 06 (seis) salas, sendo (04) salas de aulas, 01 (uma) sala onde é guardado o acervo da biblioteca e também é utilizada para os atendimentos da professora da sala de recursos, aos alunos diagnosticados. 01 (uma) sala onde funciona a secretaria escolar, sala de direção, sala dos professores. Possui, cozinha, 03 (três) banheiros sendo 01 (um) adaptado aos deficientes físicos, despensa e

quadra de futsal. Quando a sala não está sendo utilizada pela professora da sala de recursos, é utilizado para atendimento individual ao aluno ou seu responsável pelo OE. O SOE não tem sala própria, seu material confidencial e guardado em um armário e sua permanência é na sala dos professores.

A escola mantém equipamentos eletrônicos em uso (televisores, dvd's, caixa de som, freezers, copiadora, porém, sem recurso para compra de tinta há mais de um ano, por isso, o mimeógrafo ainda continua reproduzindo as tarefas para os alunos.

A equipe de apoio a aprendizagem é composta pela OE com lotação definitiva, ou seja, atende somente a esta instituição, e a professora da sala de recurso que atende aos alunos diagnosticados. A Escola aguarda um (a) pedagogo (a) para atender aqueles que apresentam dificuldades na aprendizagem, mas que não foram diagnosticados como deficiente intelectual ou deficiente mental. No apoio pedagógico atua 01 (supervisora pedagógica) que também desempenha o papel de coordenadora pedagógica.

A administração da escola é exercida pela Diretora eleita pelos professores, alunos e comunidade, mantendo relacionamento com toda a comunidade escolar. A escola é atualizada com os informes educacionais, transmitindo-os a todos os regimentos a que compõe.

A escola em 2010 teve 195 matriculas inicial, um aumento em relação aos anos e 2008 com 190 e 2009 com 146. A escola oferece duas refeições sendo 01 lanche e o almoço. A alimentação é fornecida pela Secretaria de Educação e supervisionada por nutricionistas, porém, esse cardápio não inclui as crianças portadoras de doenças metabólicas como o diabetes, durante 05 anos a escola atendeu uma aluna deficiente física e portadora do diabetes tipo 1, que não podia lanchar o que a escola oferecia. Pensando em promover a inclusão estipularam-se piqueniques com frutas permitidas pelo menos uma vez por semana, e suas professoras na hora de presentear com guloseimas optavam pelos produtos diets permitidos por seus pais. A Secretaria de Educação não disponibiliza transporte para

atividades extraclasse, como visita a museus, teatro, visitação a exposições e feiras de livro. As datas comemorativas como Páscoa, Dia das Mães, São João, Dia das Crianças são celebradas e abertas a toda comunidade escolar.

3.3 PARTICIPANTES DA PESQUISA

Os participantes da pesquisa foram 02 (dois) pais/responsáveis, 03 (três) alunos de duas turmas de quarta série e 02 (duas) professoras regentes da quarta série. Os pais/responsáveis participantes os dois eram do sexo feminino com idades de 35 e 48 anos, 01 (um) só sabia assinar o nome e a outra mãeo estudou ate o 3º ano do ensino fundamental. Os alunos estavam na faixa etária entre 10 a 14 anos, sendo 02 do sexo feminino, uma criança moradora de um abrigo e seus pais cumprem penas em presídios distintos, o genitor por assassinato e a genitora por roubo e tráfico de drogas. A segunda aluna entrevistada sofria uma rejeição velada pela professora regente e o aluno do sexo masculino já havia sido reprovado e corria o risco de ser retido novamente, pois, não acreditava em seu potencial. As professoras possuem graduação sendo uma em filosofia e a outra em Pedagogia e Bacharel em Direito e atuam como docentes há 12(doze) anos na Secretaria de Educação do DF

3.4 ESTRATÉGIA DE COLETAS

Foi uma pesquisa qualitativa que teve como base para coleta de dados a proposta de Silva e Tunes (1999), da qual nas entrevistas partiu-se de uma questão inicial: Para você como foi participar do Projeto Hábitos de Estudo ou Estudando Com Você? Para análise as falas foram transcritas e identificadas por categorias. As entrevistas foram realizadas individualmente, uma única vez e em datas e

horários pré estabelecidos com os sujeitos envolvidos. O período da realização das entrevistas aconteceu de 28 de fevereiro a 12 de março de 2011. As entrevistas realizadas com os alunos tiveram como média de tempo 16 minutos, com os pais 13 minutos e com as professoras 26 minutos.

Através das entrevistas buscamos coletar dados conforme as falas dos entrevistados, com o propósito de avaliar, se os projetos desenvolvidos durante esta pesquisa contribuíram na mudança de atitudes dos participantes em relação ao hábito de estudar e do acompanhamento efetivo dos pais/responsáveis no cotidiano escolar de seus filhos. Utilizamos também análise documental através da tabela nº 01 que foi disponibilizada pela secretaria da escola pesquisada.

3.5 TÉCNICAS E INSTRUMENTOS

Utilizou-se como instrumento a entrevista e a análise documental

4 - RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 PROCEDIMENTOS

Através de entrevistas e análise documental, pudemos analisar se os projetos hábitos de estudos e estudando com você, contribuíram na permanência e maior aproveitamento dos educandos na instituição educacional favorecendo em sua inclusão. Foram realizadas 02 (duas) entrevistas com os pais que participaram do projeto Estudando Com Você, 03 (três) alunos que participaram do projeto Hábitos de Estudo e com as duas professoras regentes da 4ª série.

TABELA Nº 01 - Esta Tabela demonstra o número de alunos que iniciam o ano letivo e quantos permanecem até o final do ano, podendo perceber que no ano da aplicação dos projetos os índices de transferências, abandono e reprovação diminuíram em relação aos anos anteriores.

ANO	MATRICULA			MATRICILA		
	INICIAL	TRANSFERIDOS	ABANDONO	FINAL	AP	RP
2008	190	19	06	165	154	11
2009	146	14	05	127	114	13
2010	195	06	00	189	183	06

Fonte Censo Escolar

Conforme demonstrou a tabela nº 01, a escola apresentou um melhor desempenho no ano de 2010, o que pode ser reflexo da aquisição do gosto de estudar por parte dos alunos, conforme ilustra as falas abaixo:

4.1.2 Análise dos alunos

ENTREVISTA COM OS ALUNOS PARTICIPANTES DA PESQUISA: Como o local da pesquisa foi uma escola classe, hoje os alunos que participaram do projeto estudam em outra instituição rural de ensino. Os alunos entrevistados foram (02) do sexo feminino e 01 do sexo masculino. A identidade, o local de suas residências e a atual escola será preservado, os mesmo serão identificados como: A1, A2, e A3. Partindo da pergunta inicial, Como foi participar do Projeto Hábitos de estudo, a seguir ilustraremos algumas partes de suas falas que consideramos mais significativas

A1 – Há tia foi bom demais a melhor coisa que me aconteceu, ah quase que não ia continua estudar, lá num abrigo é obrigado vim pra escola só por isso eu vinha.

A2 – Foi importante né pra gente porque a gente aprendeu coisas que não tinha... Não tinha aprendido ainda, assim é foi bom foi legal, sobre a respeitar o próximo a paixão com outro a se lidar com próximo que está perto, aprendi a ter horário pra estudar e outras coisas, foi bom, foi legal.

A3 – Foi bom, eu gostei muito me motivou muito, mudou muito a minha vida, hoje eu tenho hora para estudar gostei muito não falto à aula pa trabalhar cum meu pai antigamente ele preferia eu na roça, agora ele que me da força pra estuda.

Outro aspecto abordado foi verificar se no decorrer do projeto, houve mudança quanto à organização do tempo, a escolha de um local apropriado para

realização das atividades, que são enviadas para casa e se hoje sentem a necessidade de organizar seu material e cuidar de sua aparência pessoal

A1 – Tia eu não gostava de estudar não. Vinha pra conversar, não fazia os dever, só Pensava nos meus pais que tão preso, depois que eu conheci a senhora que podia falar todas aquelas coisas, que só falava pra senhora e você me ensinou tantas coisas que agora no meu quarto lá no abrigo eu tenho um canto só pra estudar quer aprender mais...

A2 - Sim aconteceu, tipo assim quando a gente não tinha conversa né com a professora, a gente vinha com uma coisa dentro da gente e a gente desabafava com a senhora e ai mudou mais nosso estudo agora eu tenho horário e gosto de estudar.

A3 – Aconteceu, eu agora tenho horário pra estuda, eu hum... Gostei muito gostei muito faço meus deveres presto atenção nas aulas, tenho lugar pra estudar e quero se engenheiro agrônomo.

Na terceira pergunta, o aspecto analisado foi identificar se os participantes após o projeto consideram a importância da continuação dos estudos, na perspectiva de um futuro melhor. É comum na zona a evasão antes do término do ensino fundamental, a seguir ilustraremos partes que consideramos significativas em suas falas:

A1 – Antes eu não estudava queria fica em casa, arranja trabalho e namorar, agora eu não deixo mais nunca de estudar e sei que vou me formar trabalhar e cuidar dos meus pais e pegar meus outros irmãos e nunca mais vamos nos separar. Sempre vou estuda não paro não, tinha desculpa eu não queria i pra escola e chorava, hoje eu me arrumo antes do ônibus passar.

A2 – Hoje estudar é bem melhor, tenho horário e local pra estudar depois do projeto, eu prefiro agora depois do projeto, a gente aprendeu mais como estudar, hoje eu não tchum, tchum, tchum eu não paro de estudar não.

A3 – Eu não tinha lugar pra estudar agora eu tenho eu um lugar só pra mim pra estudar, faço meus deveres bem ou não, minha mãe não precisa mais chamar atenção e eu achava que não ia conseguir e hoje eu me sinto seguro e não quero parar de estudar.

4.1.3 Análise dos pais

ENTREVISTA COM OS PAIS PARTICIPANTES DA PESQUISA: as entrevistas aconteceram nas casas dos participantes, com agendamento prévio da pesquisadora. Foram entrevistadas 02 (duas) mães, que tiveram sua identificação e o endereço preservado. Pode-se perceber que com a participação dos pais no projeto estudando com você, houve uma maior participação da família no contexto escolar, mais diálogo dentro das famílias, um novo olhar de como é importante não comparar seus filhos com os irmãos ou outras crianças. Partimos da pergunta inicial, como era a participação na vida escolar de seus filhos, a seguir ilustraremos algumas partes de suas falas:

M1 - Antes eu não entendia meu filho, eu ia na escola falar com a professora e quando chegava em casa brigava com ele, tinha muita raiva, botava de castigo sem entender o sentimento dele.

M2 – Foi bom gostei muito, estou tendo a obrigação de conversar todos os dias quando ela chega em casa sobre tudo que aconteceu na escola. Foi bom a ideia do quadro com vagas de caseiro que vocês fizeram, esse ano não nos mudamos do INCRA, graças a Deus.

Ao perguntar se ocorreram mudanças, que contribuíram para uma maior participação na vida escolar de seus filhos e, quais são as atitudes que os pais/responsáveis, hoje, adotam visando o desenvolvimento e o melhor desempenho escolar de seus pupilos, ficou a impressão que algo mudou, destacamos alguns trechos de suas falas:

M1- Há foi tanta coisas, uma coisa que eu aprendi foi não fica comparando meu fio com minha fia, e também a importância do meu fio não falta aula e eu e meu esposo procuramos terra para planta sempre nas voltas da escola.

M2 – Ichi, foi muitas coisas boas, eu e meu marido se depende da gente minha filha vai se dotora.

Neste momento da entrevista, era importante ouvir a opinião dos pais em relação aos pontos positivos e negativos do projeto, aproveitamos para perguntar se alguém teria sugestões para melhoria do projeto, conforme suas falas percebeu-se empolgação:

M1- gostei muito, aprendi muito, meu fio pode te certeza que o que depende de mim e do pai dele ele vai estuda pra melhora de vida. Acho que as professoras têm que aprende a fala com nós como a senhora, sem guinorância, assim sempre colocando a culpa na mãe.

M2 – Não tem nada ruim, só melhora nossa vida.

4.1.4 Análise dos professores

ENTREVISTA COM AS PROFESSORAS PARTICIPANTES DO PROJETO: as entrevistas aconteceram após a execução do projeto hábitos de estudos e estudando com você, na escola e para preservar suas identidades elas serão citadas como P1 e P2. Conforme suas falas pode-se perceber que as mesmas acreditaram que a atuação do orientador educacional, pode colaborar na inclusão escolar dos alunos e na reinserção social de alguns membros das famílias assistidas, conforme partes de suas as falas:

P1 – Sou professora de atividades há 12 anos, sempre trabalhei na SEDF – Secretaria de Educação do Distrito Federal, quando fui contratada possuía o antigo normal, hoje tenho duas graduações pedagogia e direito

sempre atuei em sala de aula e até o ano de... 2008 nossa escola não possuía um orientador educacional. No começo não acreditava que teríamos ganhos com sua chegada, mas, o tempo e a sua atuação modificou o meu modo de pensar e agir. A princípio achava que seria mais uma pessoa para bisbilhotar o meu trabalho, viria cheia de teoria, mas na pratica nada mudaria. Hoje peço desculpas por não ter acreditado no seu trabalho, sua atuação é sempre muito próxima e presente conto sempre com seu auxílio. Os trabalhos realizados em minha sala resultaram positivamente, o numero de faltas diminuiu, as atividades estão sendo desempenhadas num tempo menor e com muito mais capricho. Os pais estão mais presentes, parece aconteceu uma mágica do bem. Você tem nos ajudado muito.

P2 – Sinceramente? Vamos lá. Confesso que no começo fui bastante pessimista, pensava comigo mesma, como um trabalho de alguns encontros poderia modificar aquilo que eu peço há anos... E nunca fui atendida. Alguns alunos já foram meus alunos em anos anteriores. Hoje minha turma é outra, a atenção, o empenho de cada um, chega me emocionar. Confesso a você que tenho esperanças que muitos continuarão estudar. Será muito bom se na escola que eles estão indo tenha a continuidade desse trabalho. Sugiro que em 2011 o projeto continue.

De acordo com as falas dos participantes, pode-se constatar que os projetos proporcionaram mudanças importantes nos sujeitos envolvidos neste trabalho. Pode-se registrar que os alunos passaram a ter organização temporal, local determinado para estudar, além de mencionarem que não pretendem parar de estudar.

Os pais mostraram-se mais participativos e os principais incentivadores na continuação dos estudos de seus filhos. Quanto às professoras, essas ressaltaram que consideraram importante a realização dos projetos hábitos de estudo e estudando com você.

(Grinspun, 1994):

A dimensão atual caminha para a construção de uma nova prática da Orientação, para um novo fazer do orientador, que não está pronto e acabado na escola, e sim deverá ser gerado e iniciado na escola, com aluno, a partir de suas reais necessidades. O eixo condutor do trabalho do orientador é construir, junto com o aluno, as condições facilitadoras e desejáveis ao seu desenvolvimento, o mais pleno possível.

Na atualidade o orientador vislumbra uma nova prática no contexto escolar, busca atuar, de forma ativa, em consonância com toda a comunidade escolar, visando a inclusão e a permanência de todos os alunos no sistema educacional.

5 - Considerações Finais

Esta pesquisa procurou investigar se ações práticas do Orientador Educacional, colaboram no processo de inclusão e, conforme as falas nas entrevistas dos participantes da pesquisa pode-se perceber mudanças significativas quanto à valorização e importância que, os participantes da pesquisa relataram em suas entrevistas concedidas a pesquisadora.

Através de sensibilização e conscientização junto aos participantes, o serviço de orientação educacional, demonstrou que todo o trabalho desenvolvido pela escola, poderá não trazer resultados positivos, se não houver o interesse e a participação efetiva da família na busca do pleno desenvolvimento do aluno.

Destacamos que o serviço de orientação educacional pode ser um grande aliado na construção de uma escola inclusiva a todos, porém, ressaltamos que o orientador educacional só consegue êxito em suas ações, trabalhando e atuando com profissionais comprometidos em construir uma educação de qualidade.

“A organização da escola de qualidade requer um trabalho coletivo de todos os que estão comprometidos com seu projeto político pedagógico. Participando ativamente junto à comunidade em geral, o orientador procurará refletir sobre as ações requeridas para o momento presente, para o caminho futuro de nossa escola e de nossa sociedade, em uma dimensão lúdica e prazerosa” (Grinspun, 2006, p 115)

REFERÊNCIAS

AQUINO, Julio G. – **Erro e Fracasso na Escola: Alternativas e Teorias** – Editora Summus – SP - 1997

ARROYO, Miguel G. **Da Escola Carente a Escola Possível** – Ed. Loyola – SP - 1997

BRASIL. **Declaração de Salamanca e linha de ação sobre necessidades educativas especiais**. Brasília: UNESCO, 1994.

BRASIL. *Ministério da Educação*. **Plano de Desenvolvimento da Educação: Razões, Princípios e Programas**. Brasília: MEC, 2007

CARVALHO, Rosita E. – **Educação Inclusiva Com Os Pingos nos “is”** – Porto Alegre Ed. Mediação - 2004

COELHO, Cristina M Madeira – **Inclusão Escolar – Livro Desenvolvimento Humano**, Educação e Inclusão Escolar – Ed. UNB 20010

DANTAS, Marcia M; Silva, Luana E – **Projetos Estudando Com Você e Hábitos de Estudo** – Aguardando publicação no PPP - BRAZLÂNDIA-DF 2009

DESSEU, M.A. POLONIA A.C. – **A Família e a Escola Como Contextos de Desenvolvimento Humano**-Paidéia (Ribeirão Preto), v 17 nº 36 abril 2007

GIACAGLIA Lia Renata Angelim, PENTEADO Wilma Mill Ian Alves – **Orientação Educacional na Prática** – Editora: Thompson Pioneira – cinco Edições- Brasil 2008

GRINSPUN, Miriam P.S.Zipin – **A Prática dos Orientadores** – 2ª edição – São Paulo Ed. Cortez - 1999

GRINSPUN, Miriam P.S.Zipin – **O Espaço Filosófico da Orientação Educacional na Realidade Brasileira** – Rio de Janeiro – Ed. Rio Fundo - 1999

GRINSPUN, Miriam P.S. Zipin – **A Orientação Educacional: Conflitos e Paradigmas e Alternativas Para Escola** – São Paulo – Ed. Cortez - 3. ed.ampl. 2006

GRINSPUN, Miriam P.S. Zipin – **Supervisão e Orientação Educacional: Perspectivas de Integração na Escola** 4ª Edição – São Paulo – Ed. Cortez 2006

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos, Para quê?** São Paulo Editora Cortez (1988) – 2002 (6 edição)

MINAYO, Maria C. Sanches - **Qualitativo – Quantitativo, Oposição ou Complementaridade** – Caderno de Saúde Pública 9(3)239262

MILLET, Rosa. M.L. **Um trabalho integrado: Supervisão Educacional/Orientação Educacional**. In: ALVES, N.; GARCIA, R.L. (orgas). O fazer e o pensar dos supervisores e orientadores educacionais. 7ª ed. São Paulo: Loyola, 2001, p.57-61.

OLIVEIRA, Leidiane Pereira- **Uma Relação Tão Delicada** – Monografia de graduação Universidade da Amazônia 2001.

OLIVEIRA, Silvio Luiz de. **Tratado de metodologia científica: projetos de pesquisas, TGI, TCC, monografias, dissertações e teses**. São Paulo: Pioneira/Thomson Learning, 2002.

MITTER, Peter – **Educação Inclusiva – Contextos Sociais** – Porto Alegre – Ed Artmed 2003

SASSAKI, Romeu K. – **Inclusão: Construindo Uma Sociedade Para Todos** –Rio de Janeiro – Editora WVA, 3 Edição – 1999

SANTIS et.al., Lucia Maria de Oliveira – **Diversidade e Complexidade na Prática da Orientação Educacional do Distrito Federal** - Brasília – 2006. 140 p (mimeo)

SEAGOE, May V. – **O Processo de Aprendizagem e a Prática Escolar** – 2 Edição – Editora Nacional – SP 1978

SILVA, Gonzaga E, Tunes Elizabeth – **Abolindo Mocinhos e Bandidos** – Ed. UNB - 1998

SILVA, Rose N. da; Davis Cláudia – **É Preciso Repetir Estudos em Avaliação Educacional**, São Paulo n. 7, p.5-44 jan/jul 1993

THOMAZ, S.B, O **Fracasso Escolar No Cotidiano Da Escola** – Presença Pedagogia - nº 45 – 2002

Sites Pesquisados:

SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO DO DF, Acesso em 20 de janeiro de 2011. Disponível em < <http://www.se.df.gov.br/>.

BORGES, Andréa, 2011, Acesso em 23 de janeiro de 2011. Disponível em <http://bdm.bce.unb.br/biststream>.

Fontes, Carlos, 2010, Acesso em 18 de dezembro 2010. Disponível em, <o.sapo. pt < <http://educar.no.sapo.insucesso.pt/>

MINISTERIO DA EDUCAÇÃO, Acesso em 01 de Fevereiro de 2011. Disponível em < <http://portaldeb.inep.gov.br/>.

MINISTERIO DA EDUCAÇÃO, Acesso em 01 de Fevereiro de 2011. Disponível em < <Http://www.portalmec.gov.br>.

MINISTÉRIO PÚBLICO DE SÃO PAULO, Acesso em 10 de Fevereiro de 2011. Disponível em < <http://www.mp.sp.gov.br/portal/pls/portal/docs/1/1663206.SHS>